

De Larosière quer devedores crescendo

Phoenix, Arizona — O diretor do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, disse ontem que o problema da dívida externa deve ser encarado com "responsabilidade" a fim de que devedores e credores possam partilhar o ônus dos ajustes necessários.

Em discurso na reunião anual da Associação de Bancos de Comércio Exterior, que se realiza nesta cidade, Larosière disse também que o fluxo de capitais para os países devedores não deve ser reduzido, de modo que estes possam manter sua taxa de crescimento, tese defendida repetidamente junto aos organismos internacionais, pelas nações latino-americanas.

Ao referir-se à co-responsabilidade, Larosière disse que no programa da dívida "é possível realizar progressos sem que os devedores ou credores tenham que suportar um peso indevido do ajuste".

Destacou que os países devedores podem crescer mais e melhorar seu crédito aplicando "políticas macroeconómicas e estruturais que sejam sensatas e criem estabilidade financeira, estabelecendo além disso os incentivos apropriados para aumentar as exportações, a poupança, os investimentos e a eficiência económica".

Entre os fatores que citou figuram "taxas de câmbio e juros realistas, políticas monetárias e fiscais estáveis, liberalização das restrições em matéria de comércio e trocas, melhor administração das empresas públicas, reforma fiscal e maior receptividade aos investimentos estrangeiros".

Assinalou que os países devedores do Leste Asiático obtiveram melhor resultado econômico que os da América Latina.

Em primeiro lugar, disse, os países asiáticos usaram com muito mais êxito as taxas de câmbio e outras políticas para aumentar as exportações mais apropriadas para o pagamento da dívida externa. Em 1965, os índices de exportação de ambas as regiões em relação ao Produto Nacional Bruto foram virtualmente similares, ao passo que em 1983 as exportações da Ásia duplicaram em comparação com as da América Latina.

Em segundo lugar, os países do Leste Asiático tiveram muito mais êxito em manter os investimentos estrangeiros, enquanto na América Latina esses investimentos declinaram.

Mais adiante, depois de considerar a fuga de capitais outro problema, Larosière observou que os países industrializados podem proporcionar apoio decisivo ao crescimento e à diminuição do ônus da dívida reduzindo o protecionismo e adotando políticas compatíveis, com as taxas de juros que cairam.

Além disso, fez ver que os países industrializados podem facilitar os fluxos financeiros para as nações devedoras e insistiu que são muitos importantes os créditos à exportação.

Salientou Larosière que os bancos comerciais desempenham "um papel chave" e que agora se reconhece a realidade

basica de que o crescimento dos países endividados é essencial para que enfrentem o problema da dívida.

Os países devedores, disse, precisam de tempo para aplicar novas políticas econômicas, e portanto "o financiamento lhes oferece os meios para efetuar essas mudanças". Destacou que em 1984, os novos empréstimos aos países em desenvolvimento aumentaram em apenas 3%, aumento menor que o do ano anterior.

Segundo o diretor do FMI, é necessário buscar "mecanismos financeiros inovadores".

"Um caminho promissor, já seguido nos acordos com vários países devedores, entre os quais Argentina, Brasil e Chile, é a capitalização da dívida", acrescentou.

Salientou Larosière que uma estratégia bem-sucedida para o problema da dívida não pode ser rígida, mas sim flexível o bastante para enfrentar as mudanças que ocorrem na economia mundial e ajustar-se às necessidades particulares de cada um dos países devedores.

Por último, frisou ser necessário também levar em consideração o problema do petróleo, uma vez que a queda dos preços, conquanto favoreça alguns países, afeta as nações exportadoras.

No caso das nações devedoras que exportam petróleo, disse Larosière, é preciso ajustar o financiamento às novas realidades. "Novos pacotes financeiros, acordos de estruturação e reprogramação da dívida oficial, sob os auspícios do clube de Paris, são medidas que estão sendo ativamente consideradas", destacou.

Outro orador da reunião, David C. Mulford, secretário adjunto do Tesouro dos EUA para assuntos internacionais, disse que a queda das taxas de juros e os preços mais baixos do petróleo contribuirão para resolver a crise da dívida externa, mas que os bancos comerciais devem estar prontos para cumprir o seu papel.

"Vejo com preocupação que não foi feito o suficiente pelos bancos comerciais para assegurar que, ao chegar a ocasião, estejam de fato prontos a conceder novos créditos aos países devedores", observou.

Mulford se referia ao papel que cabe aos bancos comerciais desempenhar no plano do secretário do Tesouro, James A. Baker, para resolver a crise da dívida do Terceiro Mundo.

A proposta de Baker recomenda novos empréstimos no montante de 40 bilhões de dólares, divididos igualmente entre os bancos comerciais e o Banco Mundial.

Segundo Mulford, de um modo geral os bancos sabem que os países devedores poderão honrar os empréstimos recebidos sem que suas economias cresçam. "Falam francamente — disse — eles sabem que não continuarão a obter lucros sobre valores cuja qualidade se deteriora". Salientou que os grandes bancos norte-americanos necessitam de garantias de que os bancos regionais e estrangeiros continuarão a participar de reescalonamentos e de novos pacotes financeiros.